

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**LEANE MARIA DOS SANTOS SANTANA DA SILVA**

**Diálogos com a obra *O Livre Arbítrio*,  
de Agostinho de Hipona - Ouvindo os alunos  
do 1º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Porto Seguro**

**PARANAGUÁ  
2018**

**LEANE MARIA DOS SANTOS SANTANA DA SILVA**

**Diálogos com a obra *O Livre Arbítrio*,  
de Agostinho de Hipona - Ouvindo os alunos  
do 1º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Porto Seguro**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob avaliação da seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. **Eduardo Seino Wiviurka**

**PARANAGUÁ  
2018**

## TERMO DE APROVAÇÃO

**Diálogos com a obra *O Livre Arbítrio*,  
de Agostinho de Hipona - Ouvindo os alunos  
do 1º ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Porto Seguro**

Por:

LEANE MARIA DOS SANTOS SANTANA DA SILVA

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, do Setor de Educação da UFPR, como requisito parcial à obtenção do grau de especialista, sob avaliação da seguinte banca examinadora:

Prof. Dr.  
Departamento de Filosofia, UFPR

Profª Drª  
Departamento de \_\_\_\_\_, UFPR

Orientador:

Prof. Dr. **Eduardo Seino Wiviurka**  
Departamento de \_\_\_\_\_, UFPR

Paranaguá, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2018.

## **RESUMO**

Este trabalho faz considerações teórico-metodológicas sobre a pesquisa a respeito do relacionamento em sala de aula, do professor de filosofia com os alunos de 1º ano do Ensino Médio.

Por ser um assunto polêmico, não pretende este trabalho inferir, sugerir ou deduzir algo de absoluto, a não ser observar o que o aluno tem a dizer sobre a existência ou não de Deus, sem interferir na opinião de cada aluno com doutrinas religiosas, definições pré-concebidas, preconceitos ou o que quer que interfira no pensamento e no posicionamento do aluno.

A escolha do autor e da obra deve-se ao fato de que este tema (a existência ou não de Deus) está sempre em pauta nas discussões, exemplos e exposições dos filósofos, tanto da antiguidade quanto contemporâneos. O próprio Agostinho teve suas perguntas, pensamentos, dúvidas e questões a respeito de si mesmo, da existência humana, da fé, da Bíblia e da existência de Deus, até o momento que, por meio de seus muitos estudos, pesquisas e diálogos, obteve sua própria convicção.

O que se pretende é encorajar o aluno do primeiro ano do Ensino Médio a interagir posicionando-se a respeito, com argumentações convincentes, após estar ciente e ter entendido as colocações dos autores em suas obras e escolhendo a que lhe convier, segundo sua própria opinião a respeito do tema.

O aluno deve constatar que é capaz de defender seu ponto de vista, argumentando filosoficamente, sob uma perspectiva embasada em autores que são estudiosos do assunto e conferem teorias que reúnem condições de amearhar cada vez mais adeptos, pela sua retórica convincente, recheada de argumentos válidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de Filosofia, Santos Agostinho, Livre-arbítrio

## **ABSTRACT**

This work makes theoretical-methodological considerations about the research about the relationship in the classroom, the philosophy teacher with the students of the 1st year of High School.

Being a controversial subject, this work does not intend to infer, suggest or deduce something absolute, but to observe what the student has to say about the existence of God, without interfering in the opinion of each student with religious doctrines, definitions preconceptions, or whatever interferes with the thinking and positioning of the student.

The choice of the author and the work is due to the fact that this theme (the existence or not of God) is always on the agenda in the discussions, examples and expositions of philosophers, both ancient and contemporary. Augustine himself had his questions, thoughts, doubts, and questions about himself, about human existence, about faith, about the Bible, and about the existence of God, until, through his many studies, researches and dialogues, he obtained their own conviction.

What is intended is to encourage the first-year high school student to interact by positioning himself on the subject, with convincing arguments, after being aware of and having understood the authors' positions in his works and choosing the one that suits him according to his own opinion about the topic.

The student must be able to defend his point of view, arguing philosophically, from a perspective based on authors who are scholars of the subject and confer theories that gather conditions to ameliorate more and more adepts, for his convincing rhetoric, full of valid arguments .

**KEY WORDS:** Teaching Philosophy, Saint Augustine, Free Will

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>2. O DIÁLOGO ENTRE EVÓDIO E AGOSTINHO .....</b>	<b>10</b>
<b>3. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE EM SALA DE AULA .....</b>	<b>13</b>
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>18</b>
<b>5. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>19</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Cada vez que um professor de filosofia entra em sala de aula é um grande desafio: uma sala com 35 alunos adolescentes ou mais, para fazê-los concentrarem-se num assunto que, para eles, a princípio, não é atrativo, a não ser que eles próprios também sintam-se desafiados, instigados, provocados. Mormente a dinâmica aplicada: tem de ser motivadora.

A partir da leitura das exposições de HENNING e DALBOSCO, meu primeiro pensamento foi colocar-me no lugar de um aluno de 1º ano de Ensino Médio. Sentir-me como um aluno de novo, muito jovem, curioso e recebendo um professor novo em sala de aula. Um professor de filosofia.

A partir do momento em que comecei a conhecer algumas obras de Agostinho, percebi que as inquietações que o afligiam eram as mesmas pelas quais passei e, creio, as mesmas que muitos jovens têm e não conseguem desabafar com ninguém porque parece que todo mundo já tem uma opinião formada, absoluta e pétrea. Então, pensei numa das mais polêmicas de todas: a existência (ou não) de Deus e trazer para a sala de aula. Não com o intuito de estabelecer dogmas ou discutir doutrinas mas, simplesmente, filosofar sobre o assunto, literalmente e ver o que os alunos vão produzir (eles sempre nos surpreendem!) e que posição têm a respeito do tema.

A sugestão é que façam os alunos, independente da crença, a leitura dos textos e entendam os argumentos pela existência ou não existência de Deus a partir das proposições do autor. Também que pesquisem os argumentos teístas e ateístas para conhecerem as bases que cada um toma para si e como as defendem.

Primeiro eles entendem as posições; depois se posicionam e se expressam. Assim evitaríamos que o teísta ou ateu radical ficasse num discurso superficial.

Nas crenças não mexemos, mas o propósito é que todos os alunos entendam os argumentos dos autores nas obras em questão e, mais especificamente, *O Livre Arbítrio*, de Agostinho de Hipona.

Neste trabalho, o aluno está livre para expressar-se, podendo expor suas intrigas interiores que, na maioria das vezes, ele, o aluno, não consegue, na família, na escola, com os amigos e consigo mesmo, por não ter quem, simplesmente, possa ouvi-lo, sem recriá-lo, ridicularizá-lo ou querer direcioná-lo a mudar de opinião.

Concluindo, o que se pretende é ter um momento em que os alunos possam se sentir confortáveis para pensar, raciocinar e falar, a ponto de o diálogo se tornar tão agradável que eles percebam que filosofar é primordial para ouvir e entender outras opiniões e essencial para escolhermos e decidirmos que caminho empreender, com escolhas próprias.

Partindo do princípio de que a filosofia em si não pretende estabelecer certos ou errados, bons ou ruins, verdadeiros ou falsos e, sim, válidos e não válidos, por que não trazer para a sala de aula os assuntos polêmicos sem pretender fazer polêmica e, sim, pensar e falar sobre? Expor pensamentos e opiniões? E que lugar mais adequado para essa troca do que a sala de aula?

Tem-se a impressão de que os assuntos polêmicos devem, precisam, ser evitados (quase que proibidos), quando, na verdade e na prática estão sendo constantemente e amplamente expostos em vias públicas, na mídia, na imprensa,

nos lares, nas viagens e em qualquer lugar que se possa conversar. Novamente: e por que não em sala de aula?

A existência de Deus: falar sobre o assunto tendo como base a obra de Agostinho *O Livre Arbítrio*, deixando os alunos livres para se expressarem. Já pode haver uma primeira discussão sobre o significado de arbítrio: o que é arbítrio? Por que o arbítrio?

É importante ter arbítrio? E o que é livre arbítrio? Por que livre? Essas questões já podem iniciar um debate importante, preliminar ao tema principal.

Num formato bem dinâmico, a atividade não tem grandes ambições a não ser por deixar o aluno livre para falar, expressar o que pensa a respeito do assunto. E posicionar-se, principalmente, mas com uma argumentação embasada.

Geralmente, o que começa sem grandes pretensões, quase sempre evolui para um *gran finale*. É o que se constata diariamente na caixinha de surpresas que é a sala de aula.

Acredito que o professor, como orientador e mediador, deve mostrar aos alunos a importância de posicionar-se e não fazer algo simplesmente “por fazer”.

O formador de formadores deve demonstrar que um ser pensante, inteligente, posicionado, consegue transformar um grupo, uma cidade, um país, um continente e, até, o mundo inteiro com sua opinião alicerçada, calçada, convicta, válida e, sempre, embasada cientificamente. O aluno tem que saber que ele não pode fazer ou dizer algo que ouviu ou que alguém disse para que ele fizesse, ao menos, sem perguntar: mas, por que eu estou fazendo/dizendo isso? Eu quero isso para a minha vida? Em que isso melhora ou piora a minha vida? Quem “lida” há uns bons anos com crianças e adolescentes sabe que eles não fazem essas perguntas,



por isso são facilmente levados por qualquer vento de doutrina. Aí está a importância da filosofia e do professor de filosofia para o Ensino Médio.

Os alunos, por sua vez, têm de aprender a debater, conhecendo os argumentos favoráveis e contrários ao tema do debate, sem ficar em uma discussão unilateral que pode ser vencida no grito, ou, muito menos, tomar aquela posição neutra, a chamada “em cima do muro”, para não se desgastar ou se aborrecer, o que, na verdade, traduzindo, significa, não ter que ter o penoso trabalho de raciocinar e produzir um texto ou uma fala que consiga expressar claramente o seu próprio posicionamento. É muito cansativo pensar produtivamente. E mais desgastante ainda ter de debater em defesa de suas próprias convicções.

## 2. DIÁLOGO ENTRE EVÓDIO E AGOSTINHO (Páginas 70 a 144)

A obra, na sua totalidade, é pautada no diálogo entre Agostinho e Evódio (seu amigo e conterrâneo), sobre a liberdade humana e a origem do mal moral, de forma tão abrangente que houve a necessidade de vários desdobramentos dentro do tema-problema onde, o ponto alto da discussão detém-se nas constatações de cada um sobre a existência de Deus.

Há que se dizer que os dois amigos não têm dúvidas sobre a existência de Deus. Mas Agostinho é enfático em suas premissas e argumentos, no intuito de buscar no amigo Evódio se todas as descobertas a que se tem dedicado, tomando como provas absolutas, principalmente a observação da natureza humana e das naturezas animal e vegetal, algo a mais que ele próprio, Agostinho, ainda não tivesse observado e faz colocações para ver se haverá discordâncias por parte de Evódio, a respeito dessa sua busca frenética e constante, querendo mostrar ao amigo que as crenças comuns aos dois não são vãs. Além disso, Agostinho sacramenta suas argumentações afirmando que as faculdades principais e, segundo ele “superiores” à mente, para a liberdade de crenças e escolhas são a própria vontade e o livre-arbítrio.

9

Evódio concorda totalmente com seu amigo Agostinho.

21c. Ag. Logo, só me resta concluir: se, de um lado, tudo o que é igual ou superior à mente que exerce seu natural domínio senhorio e acha-se dotada de virtude não pode fazer dela escrava da paixão, por causa da justiça, por outro lado, tudo o que lhe é inferior tampouco pode, por causa dessa mesma inferioridade, como demonstram as constatações precedentes. Portanto, não há nenhuma outra realidade que torne a mente cúmplice da paixão a não ser a própria vontade e o livre-arbítrio.

Ev. Não vejo conclusão nenhuma tão necessária quanto essa. (AGOSTINHO, 1995, p. 52).

Nesse diálogo, primeiramente, Agostinho e Evódio confirmam que tudo o que é bem e bom vem de Deus e discutem sobre o livre arbítrio do homem como sendo um bem (ou não), já que o livre arbítrio também permite que o homem escolha fazer o que é errado mesmo sabendo o que é certo (p.74).

A partir do capítulo II, o diálogo passa a discorrer diretamente sobre a prova da existência de Deus, a discussão mais importante para o norteamto do presente projeto.

Agostinho faz uma pergunta direta a Evódio sobre se ele está certo de que Deus existe, ao que Evódio responde que a existência de Deus é algo incontestável mas não pelo entendimento e, sim, pela fé. Daí, a importância de destacar o próximo ponto, no qual Agostinho esclarece que, se a fé é suficiente, já que não se conhece Deus pela inteligência e ambos se consideram satisfeitos, por que se cansarem investigando tais questões?

*Ag. Mas então, se a respeito do problema da existência de Deus, a teu parecer julgas bastar crer, sem temeridade alguma, em homens dignos de fé - porque, pergunto-te, sobre os presentes pontos que estão sendo investigados por nós, como incertos e manifestamente desconhecidos pela inteligência, não pensas do mesmo modo, isto é: que devíamos crer na autoridade desses mesmos homens tão ilustres, e assim não mais nos cansarmos a investigar esses problemas?*  
*Ev. Sim, mas é que pretendemos saber e entender aquilo em que cremos.*  
 (AGOSTINHO, 1995, p. 78).

Evódio, então, faz uma colocação que o aluno de Ensino Médio precisa ter em sua própria mente: saber e entender aquilo em que acredita.

Agostinho conclui dizendo que o amigo tem boa memória, lembrando de que foi esse o motivo do início do diálogo e estabelecem três pilares: provar com

evidência a existência de Deus; decidir se tudo o que é bem, enquanto bem, vem de Deus; e se é preciso contar entre os bens a vontade livre do homem.

Decorrente dessas três questões, ampliam as investigações e perguntas sobre os básicos e complexos: ser, viver e entender.

Evódio faz nova colocação sobre os seres vivos, afirmando que estes todos existem e vivem mas nem todos entendem e que um ser morto existe mas não vive e, se não vive, muito menos, entende. Agostinho, então, conclui que, das três perfeições, só o ser humano possui a inteligência para entender, que supõe nele o existir e o viver. E Evódio endossa a afirmação utilizando o pronome “nós”, admitindo que os dois não têm dúvida alguma sobre essa questão.

O diálogo prossegue com a avaliação dos sentidos externos e internos, chegando à razão, concluindo que tudo o que sentimos e que sabemos está a serviço da razão.

Nessa observação dos sentidos e razão detalham que os sentidos não se percebem a si próprios, ou seja, os olhos que veem tudo não se enxergam, os ouvidos que a tudo ouvem não têm um som próprio que se perceba como o órgão que ouve e assim por diante. Tanto sentidos exteriores como interiores não se percebem a si próprios mas a razão percebe a todos eles e a si própria.

Agostinho discorre sobre sentimentos, órgãos dos sentidos e razão e afirma que a razão transcende a tudo mais no homem e Evódio concorda plenamente, além de

afirmar que a razão é o sentido interior que faz o ser humano perceber todos os outros sentidos, considerando-a como ciência e sentido interior, bem superior aos sentidos corporais.

Na discussão seguinte, Agostinho faz uma pergunta a Evódio, após questionamentos e explanações, se o mesmo Evódio, encontrando algo acima da razão, eterno e imutável, se ele (Evódio) hesitaria em chamá-lo de Deus?

Evódio responde que reconheceria como Deus um ser que se tivesse provado que nada existe superior a ele.

Esse diálogo estende-se por mais algum tempo sobre, novamente, sentidos, números etc, até que chegam à sabedoria que consideram um bem supremo e à verdade imutável, concluindo que a verdade imutável é o próprio Deus. Exorta, Agostinho, a abraçar a verdade, fonte única da felicidade.

Voltam a falar sobre o livre arbítrio que, embora sendo um bem, não é o bem mais perfeito, mas é um bem. Evódio não tem mais dúvida sobre isso.

Mas, ao fim e ao cabo da presente discussão, Evódio, mesmo convencido e tendo concordado com as afirmações de Agostinho, finaliza dizendo que o assunto não está esgotado.

### **3. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE EM SALA DE AULA**

Desde que comecei a ler um pouco sobre os filósofos escolhi Agostinho. Minha temática terá como base o seu livro *O Livre Arbítrio*.

Baseada nessa obra, farei uma analogia com o filme “Deus não existe”, mas não com a arbitrariedade do professor de filosofia do filme que determinou que, para que os alunos pudessem participar de suas aulas deveriam assinar um

papel onde deveriam declarar que Deus não existe e assinar, só assim poderiam assistir às aulas.

Na sequência, surge um aluno novo, cristão, que disse que não assinaria o papel mas participaria das aulas porque era o requisito necessário para a conclusão do seu curso de graduação. Com essa colocação constrangedora para o professor tão radical, na frente de toda a sala de aula, o professor, então, propõe ao aluno que este deverá provar que Deus existe. O professor, por sua vez, iria debater com ele para toda a sala de aula, demonstrando com suas inúmeras teorias e de muitos outros grandes e célebres cientistas, historiadores, filósofos, que Deus não existe.

Esse é o debate do filme.

Para o nosso trabalho, a ideia é perguntar aos alunos: Deus existe? Por quê? Essas duas perguntas darão início ao debate.

### 3.1 A DINÂMICA

Meu intuito será provocativo e desafiador: A exemplo do que acontece no livro de Agostinho, a nossa dinâmica em sala de aula será pautada pelas perguntas: Deus existe? Por quê?

Então, as perguntas dividirão a sala de aula em dois grandes grupos, onde o grupo que responder “sim”, utilizará a obra de Agostinho *O Livre Arbítrio* para basearem suas respostas e os alunos que responderam “não” estarão livres para escolher os autores que quiserem para defenderem seu ponto de vista.

Para o grupo que respondeu sim, ainda restará fazer uma resenha do diálogo entre Agostinho e Evódio para sustentarem e reforçarem suas afirmativas.

Depois, o libelo final do grupo.

Para o grupo que respondeu não, haverá uma preleção também, como argumentação preliminar de sua(s) base(s) para pautarem o seu não. Deverão ser citadas as obras utilizadas como embasamento de suas colocações.

Será marcada a data para o debate.

Durante o debate haverá alunos dos dois grupos, escolhidos antecipadamente pelos grupos, que anotarão todas as conclusões, teorias ou propostas a que chegaram.

Esse grupo de alunos escolhidos funcionarão como uma banca examinadora que, ao final de cada exposição fará perguntas aos expositores.

O debate será finalizado com os pareceres da banca.

Esse trabalho resultará em cartazes que serão expostos no mural da sala de aula ou no mural da escola. Só então o trabalho estará finalizado.

Para um trabalho desse porte, sugere-se que valha a avaliação do bimestre para toda a turma.

### 3.2 O QUE DIZEM ALGUNS TEÍSTAS E ATEÍSTAS

- Segundo BAKER, 1992

... os teístas afirmam que existe um deus; os ateus não.

Pessoas religiosas desafiam frequentemente ateus a provarem que não há deus; mas isso revela um equívoco. Os ateus afirmam que a existência de deus não está provada, não afirmam que está provada a inexistência de deus. Em qualquer argumento, o ônus da prova está do lado daquele que faz a afirmação. Se uma pessoa afirma ter inventado um dispositivo antigravidade, não cabe a outros provar que tal coisa não existe. O crente tem de provar a sua afirmação. Todas as outras pessoas estão justificadas em recusar acreditar até que a evidência seja apresentada e substanciada.

Alguns ateus acham que o argumento é confuso até que o termo “deus” seja tornado compreensível. Palavras como “espírito” e “sobrenatural” não têm qualquer coisa que lhes corresponda na realidade, e ideias como “onisciente” e “onipotente” são contraditórias. Por que discutir um conceito sem sentido?

- Segundo LEIBNIZ, Gottfried (polímata, filósofo, cientista, matemático, diplomata e bibliotecário alemão), devemos fazer uma pergunta:

14

Por que há algo em vez de nada? Para Leibniz deve existir uma explicação para a existência do universo. Como não podemos encontrar nenhuma razão suficiente em qualquer coisa existente no universo, conclui-se que deve existir um ser necessário para a sua existência.

Podemos colocar esse argumento assim:

1. Tudo o que existe possui uma explicação para sua existência;
2. Se o universo possui uma explicação para existir, essa explicação é Deus;
3. O universo existe.
4. Então, a explicação para a existência do universo é Deus.

Se o ateu quiser negar a conclusão, ele deve mostrar que uma das três premissas é falsa. A terceira premissa parece ser evidente, ou seja, não temos nenhuma razão para achar que isso seja mentira a não ser que seja mostrado o contrário. Logo sobram as duas primeiras premissas. (Baseado em <<https://razaoteista.wordpress.com>> 2010).



### 3.3 RESULTADOS PRETENDIDOS

O que se pretende com toda essa coleta e seleção de material? Pretende-se conseguir estímulos e provocação suficiente para que todos os alunos em sala de aula sejam motivados a defender a teoria escolhida pelo seu grupo, participando com argumentações, críticas e demonstrações argumentativas sobre o porquê de sua posição ser mais plausível ou mais próxima do minimamente aceitável.

O professor de filosofia para o Ensino Médio poderá dar-se por satisfeito se conseguir ver todos os seus alunos participando do debate e, ao final das proposições, cada grupo apresentar, primeiramente por argumentação oral e, ao final, para o professor, um trabalho por escrito, um libelo aceitável e convincente, resumindo todo o material pesquisado no qual o debate foi embasado, em defesa do posicionamento do grupo.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nenhum trabalho de filosofia tem como objetivo resolver um assunto ou, no caso, uma polêmica e, sim, levar as pessoas a pensarem sobre.

Com trabalhos/dinâmicas dessa natureza é que se pretende formar um cidadão crítico que não será levado pela correnteza dos discursos prontos e frases de efeito, mas que pensa a respeito do que é mais adequado para si.

Ao final da execução da prática proposta não teremos ganhadores nem perdedores e, sim, futuros cidadãos pensantes que, por certo, dificilmente serão influenciados ou convencidos por retóricas baratas, frases de efeito e políticos eloquentes.

## REFERÊNCIAS

1. AGOSTINHO, Santo. **O livre-arbítrio**. [tradução, organização, introdução e notas Nair de Assis Oliveira; revisão Honório Dalbosco]. São Paulo: Paulus, 1995.— (Patrística)
2. CEPPAS, Felipe. **Para a realização de TCC em Filosofia**; vol. 2, pág. 157-181.
3. DIEZ, Carmen Lúcia; HORN, Geraldo Balduino. **Orientações para elaboração de projetos e monografias**. Petrópolis: Vozes, 2004.
4. ADLER, Mortimer. **Como provar que Deus existe?**. São Paulo: Vide Editorial, 2013.
5. CRAIG, William Lane et al. **Deus existe?** Debate sobre a existência de Deus entre William Lane Craig, filósofo analítico e teólogo, e Christopher Hitchens, jornalista e escritor, realizado em 4 de abril de 2009, na Biola University, Califórnia, EUA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mgLhRmUV0mM>>. Acesso em: 18 abr. 2018.
6. **Argumento cosmológico**. Disponível em <<https://razaoteista.wordpress.com>>
7. **Alguns argumentos teístas contemporâneos**. Disponível em <<https://humanoemdemasia.wordpress.com/2015/04/09/alguns-argumentos-teistas-contemporaneos/>>